

Um rolê na cena underground e alternativa cristã no Acre¹

Giselle Xavier d'Ávila LUCENA²
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

RESUMO

Este artigo apresenta uma aproximação teórica e empírica a respeito do movimento underground/alternativo cristão acreano: o segmento heavy metal, por meio de depoimentos de membros da extinta Comunidade Zadoque, e do líder da banda *Soldier*; o Motoclubismo, representado pelo *Christ Motors* MG; e outros dois grupos que, apesar de não se configurarem a partir de uma estética ou *hobby* esportivo, destacam-se por ações “alternativas” às igrejas convencionais: o Luau Intima Compaixão *Movement* e o *Fire Movement*. Busca-se problematizar dinâmicas culturais e identitárias presentes em tais movimentos, que marcam território simbólico peculiar e alternativo às igrejas cristãs convencionais. Dialogamos com Hall (2006), Bauman (2005), Cunha (2004), Jungblut (2007), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; culturas *undergrounds*; movimento cristão; Acre.

Identidade, cultura e o evangelho: o contexto da cena

A identidade, objeto complexo de se compreender, desfruta de diversas formas para se (auto)definir. Com o desenvolvimento e progresso da sociedade e da ciência, se diversificam as maneiras de se explicar a existência humana e as dinâmicas sociais. Os modos de ser, pensar e se apresentar para si mesmo e para o mundo, ao longo da vida, são explicados por Hall (2006) como “narrativas do eu” continuamente reescritas e reinterpretadas, e que não se portam em torno de um eu coerente, único e unificado. Ele sugere falar em identidades no plural, considerando que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13). A identidade, nesta perspectiva, é um processo em andamento, fundamentada em sentimentos, fantasias, desejos, idealizações. Ou seja: em incertezas e na fragmentação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do curso de Bacharelado em Jornalismo. Vinculada ao grupo Mídias, Imaginário e Representação – Uma cartografia das Amazônias (MIRCA), email: giselleufac@gmail.com

do sujeito, que se apresenta “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

A este processo, soma-se o cenário marcado pelo enfraquecimento das estruturas familiares, de referências e autoridades temporárias, do consumo exacerbado e da defesa de liberdades individuais. São possíveis as mais diversas formas de existência, de expressão e de sentimentos. Intensificam-se a circulação de pessoas, bens culturais, informações e por isso, “os indivíduos dispõem de mais imagens, referências, modelos, e podem assim encontrar elementos de identificação mais diversificados para construir sua existência” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 15-16). Por um lado, notamos um mundo mais livre, respeitoso e amável, por outro, um mundo ambíguo, triste, confuso e solitário: “Quanto mais o indivíduo é livre e senhor de si, mais aparece vulnerável, frágil, desarmado internamente” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 55).

Dispor de mais possibilidades é também enfrentar a fragilização e alteração de vários aspectos da vida: profissionais, afetivos, religiosos etc, o que oportuniza a sensação de isolamento e insegurança interior. Bauman (2005) aponta a “liquefação” de instituições sociais e de laços afetivos, em que não se mantém formas por muito tempo e tudo se torna fugidio e temporário: coisas, pessoas, relações e identidades são descartadas e substituídas. “Em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado” (BAUMAN, 2005, p. 96).

Tais autores costumam ser leituras recorrentes nos cursos das ciências humanas no Brasil, e parecem oferecer reconhecimento e conforto aos que, diante do cenário contemporâneo de incertezas e superficialidades, enfrentam, de fato, uma crise identitária. São ideias que se apresentam como um respiro em meio ao caos: defesa, justificativa, compreensão e até alimento para desapegos, flexibilidades e mudanças contínuas. Mas, será que é unânime a ideia de que, hoje, todo o jovem está inseguro a respeito de si e, ao depara-se com o diferente, pode ter sua identidade fragmentada?

Como um contraponto a estas ideias, podemos localizar espaços onde, mesmo diante de culturas e discursos diferentes, há algo identitário que permanece apesar da marca, em algum aspecto, da diversidade cultural. Nas bases missionárias, por exemplo, jovens de diferentes nações (isto inclui linguagens, modos de vestir, valores e hábitos cotidianos em geral), estão diariamente em comunicação e interação com o diferente. Aqui, por exemplo, citamos o Barco *Logos Hope*, onde 400 tripulantes, de cerca de 60

nações, se engajam em ações sociais em diferentes partes do mundo. Em comum, entre eles, apenas o compartilhamento de uma mesma ideologia: a fé cristã.

A vida e a trajetória dos missionários³ oferecem interessante objeto para esta reflexão. Aqui, inserimos o conceito de ideologia. Segundo Kraft (1952), qualquer comportamento é “permanentemente afetado por suposições, crenças, valores, significados e sanções da ideologia do grupo que realiza o comportamento”. (KRAFT, 1952, p. 96). Valores, discursos e modos de vida podem entrar em confronto ao serem reinterpretados quando transmitidos e manifestos de uma cultura para outra. Porém, isso não acontece “num vácuo”:

Sempre há pressuposições ideológicas, crenças, entendimentos e conceitos nas mentes dos participantes, que permeiam a apresentação e a recepção da comunicação. (...) quanto maior a diferença entre os grupos, tanto menor o número de pressuposições mutuamente aceitas e tanto maior a dificuldade de uma comunicação adequada e eficaz. (KRAFT, 1952, p. 101)

Tais dissonâncias, no entanto, são resolvidas ou reduzidas com as ideologias. “Em circunstâncias de distorção cultural ou desequilíbrio, há uma qualidade resiliente nas culturas pela qual elas harmonizam diferenças aparentemente inarmonizáveis entre os velhos conceitos e o novo” (KRAFT, 1952, p. 98). Podemos considerar cultura como um acervo “padronizado de saber e significados, incorporado em formas simbólicas existentes em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados” (ZABATIERO, online, 2019). Aqui, iniciamos a relação entre cultura, identidade e religião cristã.

(...) o Evangelho é a mensagem da presença escatológica do Reino de Deus em Jesus Cristo, o Senhor ressurreto, no qual se entra mediante a fé, e que se concretiza no perdão dos pecados e na reunião com Deus, na inclusão – pelo Espírito Santo - no povo missionário de Deus e na esperança da consumação da futuridade do Reino pelo Pai. (ZABATIERO, online, 2019)

Consideramos, portanto, o evangelho não como uma expressão cultural em si, mas como algo que se expressa e ganha corpo através da igreja, que, por sua vez, está inserida em um contexto cultural. As fronteiras culturais são, em alguns aspectos, atravessadas pela fé, mas em outros, barreiras para ela. “Na medida em que a Palavra de

³ A este respeito, encontramos a dissertação de Denise Alessandra Goulart: “Religião, juventude e trabalho social: processos identitários na agência missionária evangélica Jocum” (2010), na área de Ciências Sociais, da UNESP.

Deus se encarna na igreja, o evangelho toma forma na cultura”. (PADILHA apud ZABATIERO, online, 2019). Conforme Zabatiero (2019), Deus “designou a igreja como o instrumento para a manifestação de Jesus Cristo em meio aos homens. A contextualização do evangelho jamais pode ser levada a cabo independente da contextualização da igreja na história” (ZABATIERO, online, 2019).

Considerando cultura, contexto e a fé, adentramos no cenário das tribos urbanas, undergrounds e alternativas ou contraculturais. Conforme Jungblut (2007), à medida que cresce o número de evangélicos, amplia-se, também, a diversidade nos “modos de ser evangélico”. Neste quadro, localizamos movimentos que podemos chamar como “tribos urbanas evangélicas”. Para Cunha (2004), elas marcam o fenômeno urbano das últimas décadas e podem ser divididas em dois grupos: um que compartilha de práticas existentes fora da igreja; e outro, vinculados às igrejas alternativas.

Inserimos ao primeiro grupo, movimentos e grupos formado por pessoas que compartilham de uma mesma fé cristã, porém, são de igrejas diferentes, mas se reúnem em torno de um hobby ou atividade social externa à igreja. Eles podem ser os “roqueiros de Cristo”, “surfistas de Cristo”, “atletas de Cristo”, ou, ainda, “motoqueiros de Cristo”, como os integrantes do Moto Clube “Cristãos do Asfalto”, fundado em 2006, no estado do Rio de Janeiro. Eles “buscam formas próprias de viver a religião, de acordo com o seu repertório e práticas” (CUNHA, 2004, p. 230). Focado nestes movimentos, há o grupo alemão *Bible For The Nations*⁴, que existe há 25 anos, com o propósito de “levar a palavra de Deus a todo tipo de pessoa” e por isso, desenha bíblias para diferentes coletivos, com layouts, cores, ilustrações e conteúdo-extra personalizados. Entre as edições, há *Biker Bible* (para motociclistas) e a *Metal Bible* (para metaleiros). Ainda não existe versão em português.

Ao segundo grupo, conforme classificação de Cunha (2004), inserimos a Bola de Neve *Church*⁵, existente no Brasil desde 1999, presente em vários estados e em outros países, com foco em surfistas e praticantes de esportes radicais. O púlpito é montado com uma prancha e o louvor, na maioria das vezes, segue o estilo *reggae*. Há também a *Crash Church Underground Ministry*, criada em São Paulo, em 2006, após fechamento da Comunidade Zadoque, para o público metaleiro. São igrejas que realizam as

⁴ <https://www.bible-for-the-nations.com>

⁵ Também possui uma filial em Rio Branco, no Acre.

atividades e seguem uma agenda tradicional de cultos, células, estudo bíblico etc, no entanto, com uma performance (estilo de vestimentas, música, decoração) diferenciada.

Apresentaremos, na sequência, um recorte deste quadro localizado em Rio Branco, capital do estado do Acre.

Expressões acreanas

Para se aproximar da evidência destes movimentos em Rio Branco, vamos nos ater às seguintes vertentes: o rock, especialmente o estilo Metal, e os relatos apresentados por Lauro Cezar Souza, vocalista da banda *Soldier*, em entrevista para este trabalho, e os relatos apresentados no documentário ZA.DOC Acre⁶, sobre extinta Comunidade Zadoque; o Motoclubismo, aqui representado pelo *Christ Motors* MG, por meio de entrevista com Benny Nasck; e outros dois grupos que, apesar de não se configurarem a partir de uma estética ou *hobby* esportivo, destacam-se por suas ações “alternativas” às igrejas convencionais: o Luau Intima Compaixão *Moviment* e o *Fire Moviment*.

A começar pela banda *Soldier*, definida por Lauro Cezar Souza, como de “metal cristão”, que surgiu no final da década de 1990, em Rio Branco. Até a banda ser formada, o músico passou por um longo processo para compreender as possibilidades de relação entre o estilo musical e sua religião. “Eu era radicalmente contra rock na igreja. Eu havia sido ensinado que não podia rock na igreja, que não podia de jeito nenhum” (SOUZA, 2019, entrevista). Um dia, assistindo a um programa na TV Manchete, viu um clipe da banda *Bride*:

O cara entrou cantando heavy metal mesmo, sabe? Gritando! E aí, eu fui radicalmente contra e desliguei o vídeo na hora dizendo ‘não, isso não é de Deus’. E fui procurar referências na literatura cristã, falando sobre isso, sobre o porquê que não pode rock na igreja, porque na verdade, eu havia me convertido e tinham me dito que não podia e eu nunca tinha me questionado e fui procurar. (SOUZA, 2019, entrevista)

Depois disso, Lauro pesquisou livros sobre o assunto e leu a respeito de bandas como *Led Zeppelin*, *Black Sabbath*, entre outras, que eram vinculadas ao inferno, demônio e coisas do tipo. No entanto, ele decidiu buscar algo na bíblia e chegou ao

⁶ O artigo “Rock, *fanzine* e amém! Memória e identidade no vídeo ZA.DOC Acre” apresenta uma leitura sobre este documentário. (LUCENA, 2019)

versículo de João 4:23⁷. “Aquilo encontrou no meu coração e me dei conta que não importa se é rock, pagode ou sertanejo. O que importa é que seja em espírito e em verdade. Aí eu relaxei e fui assistir os cliques”. (SOUZA, 2019, entrevista)

Naquela época, em Rio Branco, os meios de interação entre as pessoas e o acesso a bens e conteúdos culturais não eram tão popularizados, e o festival de música cristã “*Free Gospel*” foi um espaço para reunião, divulgação e encontro de músicos e bandas de estilos “diferenciados, entre elas, a banda *Soldier*. “Éramos a única banda com duas guitarras. Quando começamos a passar o som, com uma música do Oficina G3, a galera pirou demais e começou a vir aquele monte de jovem pra frente”. (SOUZA, 2019, entrevista). A juventude rio-branquense da época tinha o hábito de se reunir na Praça da Revolução⁸, localizada no Centro da cidade. Reuniam-se diversos grupos, consumindo bebidas alcoólicas, ouvindo música etc. Encontravam-se, portanto, o público roqueiro, cristão ou não. “Os caras tratavam a gente como ‘falso metal’ e a gente tinha que provar que era metaleiro de verdade. E isso até me gerou um conflito comigo mesmo, porque eu não escutava música secular, e estava por fora do que as bandas estavam fazendo” (SOUZA, 2019, entrevista). Aqui, apresentamos um desses episódios em que Lauro teve a oportunidade de confirmar sua identidade de “metaleiro”, num momento em que foi o único a conhecer uma banda underground:

Era época do *fotolog* e queríamos fazer umas fotos e montar o nosso *site*, e então, marcamos de tirar umas fotos na praça e queríamos tirar fotos com os metaleiros que se reuniam lá. A gente tinha até se entrosado, mas tinha um pessoal que não dava moral pra gente de jeito nenhum. Nesse dia, eu cheguei e pedi pra tirar foto com um que era meio que líder da turma do *black metal*. Eu pedi pra fazer uma foto com ele e ele me mandou pra aquele lugar. [...] E aí ele pegou uma fita e disse ‘eu quero ver, metaleiro de verdade conhece essa banda aqui, porque ela é underground pra c*... E colocou a fita. À tarde, naquele mesmo dia, na revista⁹ que eu tinha comprado, tinha uma reportagem contando a história daquela banda, e no CD [que acompanhava a revista] tinha exatamente aquela música que ele tinha colocado. Quando ele colocou, eu reconheci no primeiro riff [...] Eu falei pra ele: essa banda aí é a *Amen Corner*, o cara diz que tem experiência com o diabo desde os 17 anos, mas ele é um mentiroso, ele não tem experiência com diabo nenhum não, isso aí é só marketing [...] Agora,

⁷ “Mas a hora vem, e agora é em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade”.

⁸ Também conhecida por Praça Plácido de Castro, localizada em frente ao Colégio Estadual Barão do Rio Branco – CERB. Nesta praça há, até hoje, as duas principais bancas de revista da cidade. Além disso, durante um tempo, em uma sala no CERB, era organizado o Cineclube *Aquary*, espaço para acesso a filmes nacionais alternativos.

⁹ Revista Planet Metal

eu? Eu falo o que eu vivo, de experiência com Deus. Aí, quando estávamos indo embora, ele topou bater a foto. [...] A gente era de verdade, não era falso, aquilo a gente vivia mesmo, e isso a gente teve que ir provando pros caras. E era a mesma coisa no meio cristão. (SOUZA, 2019, entrevista)

Naquela época, Lauro passou a organizar o *White Metal Attack*, que consistia em encontros às segundas-feiras, na igreja que frequentava. Era um “culto metal”, com jogo de luzes e reunindo pessoas ainda não convertidas, que se interessavam pelo estilo, e também pessoas de outras igrejas. “Os pastores nos olhavam com medo, dizendo que a gente queria levar o mundo pra dentro da igreja. Não éramos um grupo de ‘meninos na fé’, tinham pessoas que haviam nascido na igreja ou que já estavam há muito tempo” (SOUZA, 2019, entrevista).

Ainda no final dos anos 1990, alguns daqueles jovens cristãos, em Rio Branco, assistiram a uma reportagem no programa O+, produzido e exibido pela na Band, sobre a Comunidade Zadoque. Eles se interessaram, fizeram contatos, saíram do Acre até São Paulo e, no início dos anos 2000, foi fundada uma extensão em Rio Branco. A igreja pintada de preto, com membros que se vestiam de preto e ouviam som pesado, logo gerou estranhamento. No documentário ZA.DOC Acre, Paulo Henrique¹⁰ diz: “O policial veio querendo saber explicação e já querendo me levar para a delegacia e eu perguntei pra ele onde diz na constituição que preto é símbolo de marginalismo” (IN THE MISSION, 2019). Ao longo dos relatos do documentário, percebe-se o quanto a música permeia a lembrança e a experiência daquelas pessoas. “Entrava na igreja e já chamava alguém pra montar uma banda e começou uma febre de montar banda. Então, tinha muita banda naquela época”, conta Max Dean, um dos ex-integrantes (IN THE MISSION, 2019). Várias são as bandas citadas no documentário: *Zebulom, Tadmor, Survive, Pseudo Caos, Metal Live, Zadrack, Heavy Cavalry, Dead Flowers, Soldier, Nova Banda* (LUCENA, 2019).

O conflito apresentado e citado por Lauro, anteriormente, também é confirmado no vídeo, por Paulo Henrique: “A gente era perseguido pelos de fora e pela igreja também, que não concordava de forma alguma com o estilo que a gente fazia” (IN THE MISSION, 2019)¹¹. Havia, portanto, um conflito entre os que se julgavam “roqueiros tradicionais, de raiz” e os roqueiros da Zadoque. E, ainda, os da Zadoque enfrentavam

¹⁰ Paulo Henrique Alves Ramalho foi um dos líderes e fundadores da Comunidade Zadoque no Acre.

¹¹ O documentário ZA.DOC Acre é dividido em quatro partes. Os trechos aqui citados são localizados, respectivamente, em: Parte 1, 22’37; Parte 2, 1’32; e Parte 1, 17’38.

rejeição da própria igreja. Aqui, identificamos o confronto apontado por Jungblut (2007). Por um lado, o meio underground evangélico é desqualificado pelo meio não-evangélico, ao mesmo tempo em que não é bem visto por uma parte do meio cristão. “Para muitos desses crentes, o rock é algo escancaradamente demoníaco e o envolvimento com essa música é algo com que não querem compactuar, pois temem a degeneração moral dos jovens de suas igrejas” (JUNGBLUT, 2007, p. 148). O movimento underground evangélico vive um desafio duplo para expressar sua identidade, pois se deparam “em dois fronts distintos: entre os seus pares evangélicos, com quem não compartilham os padrões estéticos e comportamentais, e entre aqueles que habitam o universo underground mundano, com quem não compartilham a crença religiosa” (JUNGBLUT, 2007, p. 157).

Desde a década de 1990 até os tempos atuais, em Rio Branco, outros grupos surgiram e encerraram suas ações. O objetivo deste trabalho é realizar uma aproximação inicial destas organizações, assim, apresentaremos agora um grupo de outra natureza de mobilização: o Motoclubismo. No Acre, existem cerca de 22 motogrupos, cada um com perfis, atividades e propósitos diferentes. Há grupos ligados a igrejas e/ou a diferentes religiões. Alguns, por exemplo, desenvolvem ações sociais em bairros de difícil acesso, levando alimentos, roupas e remédios. Há também grupos que promovem expedições e evangelizam na estrada. Entre eles, cinco se apresentam como grupos cristãos. Como o *Christ Motors* (Figura 1), liderado por Benedito do Nascimento Oliveira, conhecido como Benny Nasck.

O grupo reúne 10 membros (e suas famílias) e existe há cinco anos. “Eu já andava de moto e sempre fui totalmente underground, mas não tinha nada, dentro da igreja, que me fizesse ligar motociclismo e a igreja” (NASCK, 2019, entrevista). O grupo surgiu da necessidade de reunir pessoas com perfis e *hobby* em comum, romper barreiras dentro das igrejas, além de socializar e acolher pessoas interessadas. O grupo não é vinculado a nenhuma igreja, mas seus membros participam de alguma congregação. Quando convidados, eles organizam o “Motoculto”, um culto temático: ornamentam a igreja, levam rock, hip hop, dança, motos e vão de coletes.

Nosso público, muitas vezes, não é nem o público jovem. Às vezes tem aquele senhor já de idade, dentro da igreja, que tem vontade de fazer algo diferente, que a vida toda teve vontade comprar uma moto, andar etc., mas acha que não vai ser aceito, então, com o nosso culto, mostramos que é possível ele fazer isso. (NASCK, 2019, entrevista)

Figura 1 – Christ Motors



Independente do viés religioso, a prática do motoclubismo traz uma postura ética. “Motociclismo é motociclismo, independente de ser cristão ou não, é a mesma regra pra todos. O que o motociclismo traz para nós [...] é a questão do respeito, humildade, companheirismo” (NASCK, 2019, entrevista). Assim, o motoclubismo funciona como uma espécie de irmandade/comunidade. Mesmo que as pessoas não se conheçam ou não sejam amigos, devem estar dispostas a se ajudar ao próximo.

As pessoas dentro do movimento podem nem se gostar, mas elas irão se respeitar. Se eu passar na estrada e ver você lá com sua moto quebrada, automaticamente eu paro pra ajudar, como motociclista temos essa obrigação [...] As pessoas podem até não se gostar, mas se ajudam e se respeitam, como representantes da bandeira do motociclismo [...] Dentro do motociclismo, conseguimos reunir evangélico, católico, maçom, candomblé, mórmons, espírita... Juntamos várias religiões. Então, há grupos oficialmente ligados à alguma igreja; grupos de outras religiões e grupos cristãos que agregam pessoas de diferentes igrejas. Cada um segue um perfil conforme a criação do grupo, a única bandeira que carregamos em comum é o respeito e a irmandade, fora isso, cada um tem sua característica. (NASCK, 2019, entrevista)

Há outros grupos sem apelo estético ou identificação com alguma tribo cultural ou urbana, estilo musical ou prática esportiva, mas que se destacam por serem organizados por jovens e não terem vínculo declarado com alguma igreja. Um deles é o “Luau Íntima Compaixão *Movement*” (Figura 3). O grupo se apresenta como “um movimento avivalístico que nasceu no coração de Deus, e que tem incendiado de amor e compaixão, aqueles que amam verdadeiramente a sua Palavra e Presença, vivendo na prática, o ‘Amor ao Próximo’”¹².

O Luau consiste em um encontro mensal, realizado em forma de uma vigília, nas noites de sábados, com louvor e palavra levada por membros de diferentes igrejas,

¹² Conforme documento de descrição, enviada via *whatsapp*, a esta pesquisadora, por Nathália Silva.

sempre com foco em jovens, sejam convertidos ao evangelho ou não. As reuniões tiveram início em 2015, envolvendo um grupo de dez amigos, na casa de um deles. Até 2019, o movimento passou por diferentes dinâmicas relacionadas à frequência de suas atividades. Durante um período, além das vigílias na quadra do Colégio Estadual Barão do Rio Branco – CERB, também realizava, semanalmente, o que chama de “sala de oração”: uma breve reunião, em uma das sedes da Jocum¹³. O grupo também se organiza levantando ofertas para manutenção de atividades sociais e missionárias.

Há também o *FireMovement* (Figura 4), um projeto interdenominacional que tem como objetivo: “levar adiante o amor de Cristo Jesus”. O movimento existe desde 2017, com reuniões nas noites de sextas-feiras, na Praça Plácido de Castro. Em 2019, o *Fire* passou a ser realizado também no Lago do Amor, região próxima à Universidade Federal do Acre – UFAC.

FIGURA 3 – Luau Intima Compaixão



FIGURA 4 – *FireMovement*



O foco do movimento são jovens e adolescentes que vivem em situações de risco, de famílias desestruturadas, depressão, desânimo, envolvimento com tráfico, uso de drogas, entre outros. “Buscamos levar as boas novas do evangelho para esses jovens e adolescentes, sem levantarmos placa de nenhuma denominação, mas sim, dar a oportunidade para que o amor de Cristo tenha a possibilidade de transformá-los e ajudá-los de alguma forma”¹⁴.

Para ir além

¹³ Jovens Com Uma Missão: ONG missionária cristã, internacional. No Acre, suas atividades iniciaram em 2000.

¹⁴ Conforme carta de apresentação enviada via *whatsapp*, a esta pesquisadora, por Jhonny Blendo.

O artigo aqui apresentado é um desdobramento de outros trabalhos já realizados por esta autora, com a finalidade de delinear de um projeto de pesquisa a ser desenvolvido em curso de doutorado na área de comunicação. De acordo com uma metapequisa¹⁵ acerca de trabalhos que tiveram como objeto estes movimentos, nota-se que as relações entre as culturas undergrounds e a religião evangélica cristã, são objetos recorrentes de estudos em diferentes áreas. Na Tabela 1, visualizamos alguns títulos destes estudos, bem como o grau em que foram desenvolvidos (Mestrado – Me; Doutorado – Dr.), sua área, universidade e ano de apresentação.

TABELA 1

Autor	Título do Trabalho	N.	Área/Local	Ano
Carlos dos S. Silva	Bola de Neve teen: Um estudo sobre a relação do adolescente com o sagrado na Bola de Neve Church.	Me.	Ciências da Religião/ Mackenzie	2009
Eduardo M. de A. M. Filho	A grande onda vai te pegar. Mídia, mercado e espetáculo da fé na Bola de Neve Church	Me.	História do tempo presente/UEDESC	2010
Diogo da S. Cardoso	Etnogeografia do underground cristão brasileiro: concentração e dispersão das Tribos em nome do Senhor	Me.	Geografia/ UFRJ	2011
Patrícia Villar Branco	O Metal Cristão: Música, Religiosidade e Performance	Me.	Antrop. Social/ UFPR	2011
Elton Colini Gonçalves Zimmermann	“Tolo é aquele que diz que tempos bons foram os do passado”: Juventude e Pentecostalismo em uma Bola de Neve Church.	Me.	Antrop. Social/ UFPR	2013
Dalvani Fernandes	Célula da rima: a conformação simbólica do espaço na relação hip-hop e Religião	Dr.	Geografia/ UFPR	2016
Flávio Lages Rodrigues	O fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão	Dr.	Ciências da Religião/ PUC Minas	2018
Maralice Maschio	O movimento underground e a religiosidade: comunidade Gólgota (2001-2015)	Dr.	História/ UFPR	2018
Manuela Lowenthal Ferreira	A materialidade do trabalho religioso: um estudo sobre o neopentecostalismo da Igreja Bola de Neve	Me.	Ciências Sociais/ UNESP	2016

Observando o referencial teórico utilizado pelos autores, localizamos outros trabalhos afins, como o de Márcia Regina da Costa, “Os Carecas de Cristo e as Tribos Urbanas do Underground Evangélico”¹⁶; o de Flávia Slompo Pinto, “Radicalmente Santos: o rock 'n'roll e o underground na produção da pertença religiosa entre jovens”¹⁷;

¹⁵ A experiência e o resultado da metapequisa está no artigo “Busca-se um objeto radical: o primeiro passo de uma pesquisa sobre as ‘*alternative churches*’, apresentado por esta autora no grupo “Comunicação e Cultura: Identidades e práticas da diversidade religiosa”, do Simpósio Internacional Comunicação e Cultura: Aproximações com Memória e História Oral, realizado na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, deste ano.

¹⁶In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Orgs.). Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

¹⁷ In: III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos Culturais e Híbridas, 2009, MS. 2009.

e o de Airton Luiz Jungblut, “A salvação pelo Rock: sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil”¹⁸.

Percebemos que as pesquisas estão distribuídas em diferentes áreas, como história, geografia, antropologia entre outros. Enfoques e técnicas também são variados: etnografias, entrevistas, mapeamentos, análise recursos de linguagem e argumentação, construção histórica etc. Notamos, ainda, a evidência de diferentes conceitos norteadores: território, consumo, lazer, sociabilidade, performance, juventude cristã entre outros. Alguns objetos já aparecem como recorrentes, como o segmento Heavy Metal e a igreja Bola de Neve. É, portanto, um tema em potencial já reconhecido nas universidades, mas que ainda não foi explorado em nível de doutorado no campo da comunicação.

Uma das questões que motivam este enfoque está a percepção de que muitas pessoas apresentam vontade ou curiosidade em desenvolver uma vida espiritual, estabelecer um relacionamento divino, ou até mesmo uma curiosidade a respeito de Jesus Cristo e da bíblia, porém, não se identificam com a cultura das igrejas. Daí que parecem surgir grupos e movimentos alternativos, dentro ou fora das igrejas, sejam mediados por uma identidade estética artística, *hobby* ou outros aspectos.

Observando e conhecendo mais a respeito, identificamos um universo rico e de diferentes possibilidades de pesquisas do ponto de vista comunicacional. As expressões das tribos undergrounds evangélicas são permeadas por evidências de disputas e afirmações identitárias. Por um lado, no ambiente cristão, é preciso negar um aspecto já dado, como o rock como algo profano e exaltado através da máxima “sexo, drogas e rock’n’roll”; por outro, é preciso, também no ambiente underground, lutar pela comprovação de um perfil identitário genuíno. Percebemos, ainda, dois elos que se cruzam e se separam: padrões estéticos e valores morais. Embora o cenário da pós-modernidade apresente mais dúvidas que certezas, algumas expressões aparecem como resistência. Uma questão possível a se fazer, diz a respeito ao que prevalece e o que se esvai; o que é vulnerável e o que não é, ou seja: quais são e onde estão os filtros predominantes?

Com o desenvolvimento deste texto, percebemos a necessidade de se pensar sobre o conceito de “comunidades”, considerando laços afetivos e capital social. Os

¹⁸ In: VII Reunião de Antropologia do MERCOSUL. Religião & Sociedade. vol.27, no.2, Rio de Janeiro, 2007.

grupos aqui apresentados se fundam em torno de elementos territoriais e de identificação aparentemente bem definidos. A configuração de uma comunidade caracteriza-se por funções hierarquizadas, trabalho/atividades, cooperação, propósito em comum entre outros. Ou seja, há um fio ideológico em comum. Tais práticas são mantidas por meio de elementos de comunicação. Além dos nomes que os intitulam, percebe-se o uso de logomarcas, de vestimenta específica e, ainda, um contorno territorial geográfico (praças, quadra de colégio) ou virtual (fotolog, grupo no *whastapp*). Há, portanto, demarcações espaciais simbólicas e a oferta de sentimento de pertencimento que, inclusive, é objeto pelo qual se pode lutar: precisa-se provar a identidade “verdadeira”. Os grupos ligados ao heavy metal, por exemplo, enfrentam desafios duplos de afirmação e negação de elementos que forjam a representação dessas identidades, sejam no ambiente secular ou religioso. Os “outros”, aqui, são, simultaneamente, os de dentro e os de fora; os que estão próximo e distante. O que parece não acontecer no motoclubismo, onde a “aurea” da ética motoclubista prevalece acima de qualquer outra. Como se dá, esta questão em outros contextos culturais, como o hip hop?

Neste trabalho, buscamos nos aproximar de alguns destes movimentos e seus dilemas vividos na cidade de Rio Branco. A Comunidade Zadoque e o movimento *White Metal Attack* já não existem mais. A banda *Soldier* ainda se reúne e se apresenta em eventos, como a VII Festival Underground, que aconteceu este ano, na Igreja Batista do Belo Jardim. Junto ao Luau, ao Fire e ao Motoclube, eles parecem apontar para outras formas de entender e contextualizar as dinâmicas identitárias em um ambiente cultural, permeadas por um viés religioso. Ou seria o contrário: dinâmicas identitárias num ambiente religioso, mediada pela cultura? Interessante observar a geografia que é desenhada: identificamos o centro da cidade (região da Praça da Revolução e CERB), desde a década de 1980, até hoje, como espaços característicos para movimentos alternativos e encontros com o diferente.

Em 2019, o Acre completou 57 anos de estado brasileiro. As duas Grandes Guerras Mundiais despertou a cobiça internacional pela borracha, que marca os impulsos para os dois grandes ciclos da borracha, alimentando as idas e vindas de indivíduos ocupando um território que, ora era brasileiro, ora boliviano, ora independente. Forjaram-se conflitos de posse de terra, que eram também disputas de/e entre distintas modalidades identitárias e culturais: povos indígenas, seringueiros,

pecuaristas etc (LUCENA, 2014). De forma ativa, atuaram, em diferentes momentos, grupos sociais, movimentos artísticos e as Comunidades Eclesiais de Base – CEBS, ligadas à igreja católica¹⁹. A história do Acre, desde sua origem, é permeada por interesses, disputas e conflitos que alimentam, até hoje, imaginários singulares a seu respeito. Há o Acre dos geoglifos misteriosos; dos indígenas e seus rituais de cura para quaisquer enfermidades, como a vacina do Sapo Kampô, o rapé e o chá da ayahuasca que, por sua vez, é elemento central da doutrina do Santo Daime (LUCENA, 2013).

Aqui, anuncia-se o olhar para a cultura evangélica no contexto da cultura acreana e, mais ainda, da cultura underground e das tribos urbanas, num lugar tão fortemente valorizado e reconhecido pelas culturas e religiosidades ditas “da floresta”. Disputas não apenas de modos de existir, mas de se nomear e representar. Eis, portanto, um genuíno objeto comunicacional.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CUNHA, Magali. **Vinho novo em odres velhos. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. São Paulo/SP: USP, 2004 (Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação).

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IN THE MISSION. Za.Doc Acre. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/channel/UCe9eAyyum-XQKzIv5R4YFGg>>, acesso em maio de 2019.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **A salvação pelo Rock: sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil**. In: VII Reunião de Antropologia do MERCOSUL. Religião & Sociedade. vol. 27, no.2, Rio de Janeiro, 2007.

KRAFT, Charles H. **Fatores ideológicos na comunicação intercultural**. In: CARRIKER, Timoteo (org). O evangelho e a cultura - Leituras para a antropologia missionária. São Paulo, 1952. Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/timcarriker/files/2013/08/Evangelho-e-Cultura.pdf>>. Acesso em fevereiro de 2019.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo - resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LUCENA, Giselle. **Do Chico Ao Pop: Jornalismo e Cultura no Acre**. Rio Branco: Observatório da Diversidade Cultural, 2013.

¹⁹ Mais sobre isto, temos a tese “Meios alternativos de comunicação e movimentos sociais na Amazônia Ocidental (Acre: 1971-81)”, defendida por Pedro Vicente Costa Sobrinho, na ECA/USP, em 2000.

LUCENA, Giselle Xavier d'Ávila. **O Acre (não) existe: um estudo sobre identidade, memória e mídiatização. Dissertação.** (Dissertação em Comunicação Social – Interações Mídiatizadas). PUC Minas, Belo Horizonte, p. 150. 2014.

LUCENA, Giselle Xavier d'Ávila. **Rock, fanzine e amém! Memória e identidade no vídeo 'ZA.DOC Acre'**. In: VIII Semana Acadêmica de Comunicação da UFAC (SEACOM), 2019, Rio Branco, Acre. Anais... Rio Branco: CFCH, 2019. p. 109-121.

NASCK, Benny. Entrevista concedida para autora deste trabalho. Rio Branco, Acre, 29 de jun. de 2019.

SOUZA, Lauro Cezar. Entrevista concedida para autora deste trabalho. Rio Branco, Acre, 28 de jun. de 2019.

ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. **O desafio da contextualização crítica.** (online, s/d) Disponível em: <<https://ftsa.edu.br/home/index.php/artigo/539-o-desafio-da-contextualizacao-critica>>. Acesso em fevereiro de 2019.